

Provérbios da tradição árabe

(Nota introdutória, trad. e notas de Jean Lauand¹)

Resumo: Seleção de provérbios apresentada no XV Seminário Internacional Filosofia e Educação CemorocFeusp – IJI Univ Porto. A introdução discute o papel que os provérbios exercem na cultura árabe.

Palavras Chave: provérbios árabes; cultura árabe.

Abstract: Selection of arabic proverbs presented to the the XV Seminário Internacional Filosofia e Educação (Cemoroc Feusp-IJI Univ Porto). The article discusses the role of proverbs in arabic culture.

Keywords: Arabic proverbs; Arabic culture.

Ma qal al-mathal shay min kadhab
(*Os provérbios nunca mentem...*) – provérbio árabe

Nota introdutória - para entender os provérbios árabes



Não será a bondade a recompensa da bondade? (Alcorão LV, 60)
(Caligrafia de Hassan Massoudy)

A imensa criatividade da gíria brasileira criou a expressão “é a cara de”. Quando uma realidade expressa muito bem uma outra, resume-a em alguns de seus traços essenciais, diz-se que “é (ou tem) a cara dela”. Zeca Pagodinho é a cara do Rio; no campo das instituições, “cara do Rio” é o futevôlei ou o estratégico feriado municipal de São Jorge, 23 de abril, que, “por acaso”, faz ponte com o nacional de Tiradentes... (já os feriados paulistas, 25 de janeiro e 9 de julho, têm a cara de São Paulo: caem nas férias escolares...).

¹. Prof. Titular Sênior da FEUSP. jeanlaua@usp.br

No campo da educação, os provérbios são “a cara” da pedagogia árabe. Certamente, todas as épocas conhecem e cultivam provérbios, mas, no caso do árabe (e dos Orientes em geral) eles expressam o núcleo mais profundo da cultura.

A coletânea que apresentamos aqui é uma pequena amostra dos cerca de dez mil *amthal*² conhecidos no mundo árabe³.

Para entender os provérbios e o alcance do papel exercido pelo *mathal* na cultura árabe é necessário antes conhecer algumas características da língua. Como se sabe, as características de uma língua transcendem o âmbito da mera comunicação e influenciam decisivamente o próprio modo de ver o mundo, condicionando de modo fundamental a cultura e todas as suas manifestações.

Daí que o filósofo alemão contemporâneo Johannes Lohmann prefira falar - e ele contempla, de modo especial, o caso do árabe - em *sistema de língua/pensamento*⁴.

Um primeiro fato gramatical/mental que fundamenta o conceito lohmanniano de língua/pensamento dá-se em torno dos peculiares usos do verbo “ser”. Ao contrário do árabe, no centro semântico do sistema grego “encontra-se o verbo *esti* (ser) que, segundo Aristóteles, está implicitamente contido em qualquer outro verbo”. O ocidental, desde o início da aprendizagem formal da língua, está acostumado a pensar que toda frase é composta de nome e verbo. Quando, porém, entra em contato com a gramática árabe, surpreende-se com a presença constante da frase nominal, isto é, com o que, do ponto de vista ocidental, se considera frase nominal.

Para o árabe simplesmente não existe o verbo “ser” como verbo de ligação, e ele está muito mais familiarizado com a frase nominal do que o ocidental que, nesses casos, pressupõe implícito o mesmo verbo “ser”. Essa função copulativa do verbo “ser” é uma particularidade das línguas indo-europeias a que já estamos tão habituados que não reparamos quanto é dispensável nem temos consciência de que possa inexistir em outras famílias linguísticas. Nós mesmos prescindimos do verbo “ser” em certos contextos⁵ e, particularmente, em enunciados proverbiais, como “tal pai, tal filho”, “casa de ferreiro, espeto de pau”, “cada macaco no seu galho”, “cada louco com sua mania”, “longe dos olhos, longe do coração” etc.

Não por acaso é precisamente no campo dos provérbios que o ocidental aproxima-se da estrutura linguística (e da forma de pensamento...!) árabe. A tradição ocidental herdou a consideração de que o verbo “ser” - que o português e o espanhol desdobram em “ser” e “estar” - encontra-se presente (ou pelo menos implícito) em toda sentença e subjaz a toda ação verbal. Por exemplo: “Chove” corresponde a “é/está chovendo”. Quando emprega a frase nominal, o ocidental pretende expressar algum tipo de ênfase peculiar, ao passo que o árabe, ao fazê-lo, está simplesmente se exprimindo de modo espontâneo, de acordo com sua postura diante da vida, com seu espírito essencialmente poético. Daí a particular afinidade da língua árabe com a estrutura dos provérbios, como se pode ver nos seguintes *amthal*:

². A tradução do conceito - central para este estudo - de *mathal* (plural: *amthal*) pode ser aproximada pelos nossos “provérbio”, “comparação”, “parábola” etc. Aqui, enfatizarei a dimensão “provérbio” do *mathal*.

³. Consulte-se FEGHALI, Michel. *Proverbes et Dictons Syro-Libanais*, Paris, Institut d’Ethnologie, 1938 (3.048 provérbios), e FREYHA, Anis. *A Dictionary of Modern Lebanese Proverbs*, Beirut, Librairie du Liban, 1974 (4.248 provérbios). Além de serem autores extremamente criteriosos, apresentam edições bilíngues - Feghali (árabe/francês) e Freyha (árabe/inglês). Vali-me também de diversas outras fontes auxiliares.

⁴. O texto fundamental, no caso, é o artigo de Lohmann “Ma’na e Logos - estruturas linguísticas e formas de pensamento” *Notandum* N. 31, disponível em <http://www.hottopos.com/notand31/47-56Lohmann.pdf>.

⁵. Em contextos muito determinados, como em certas manchetes de jornal: “Empresa tal em recuperação judicial”, “Mais dois sul-americanos classificados” ou na linguagem telegráfica: “Estoque hoje mil unidades”, “Melhores votos novo casal” etc.

*Cão do grande, grande; cão do príncipe, príncipe.
(Kalb al-kabyr kabyr wa kalb al-amyr amyr)*

O sentido é claro: O cão que pertence ao homem grande deve - em atenção a este - ser tratado com a mesma deferência devida a seu dono e, do mesmo modo, o cão do príncipe é, por extensão, príncipe também.

Opressão do gato e não justiça do rato.

Ou seja, é preferível, é mais suportável (se não houvesse outra possibilidade de escolha) a opressão exercida pelo gato no poder do que a justiça do rato. O sentido é claro: o mais decisivo é a retidão moral do poderoso...

Se o sistema língua/pensamento *logos* - tal como se refere Lohmann ao sistema grego -, centrado no verbo “ser”, promove a busca de correspondência exata entre pensamento e realidade, o sistema árabe, *ma’na*, tende a um pensamento (e a uma comunicação...) por associação imediata, em que as conexões lógicas não precisam ser explicitadas.

Obviamente, os diversos fatos linguísticos (linguístico-mentais) que estou enumerando um tanto compartimentadamente são, na realidade, interligados. A associação imediata é o complemento natural da ausência do verbo “ser” enquanto verbo de ligação, o que se pode evidenciar - entre tantas outras instâncias - em diversos enunciados de provérbios como, por exemplo⁶:

*O vizinho antes da moradia.
(Al-jar qabla ad-dar)*

É mais importante pensar no vizinho que se vai ter do que na casa em que se vai morar.

*O companheiro antes da viagem.
(Ar-rafyq qabla at-taryq)*

Mais importante do que a viagem que se vai fazer é ter um bom companheiro de viagem.

Outra característica importante da língua para entendermos os provérbios árabes: um acentuado voltar-se para o concreto. Naturalmente, trata-se de uma questão de *ênfase*, pois - insisto - este voltar-se para o concreto não é apanágio árabe ou semita. É fenômeno humano, *em alguma medida* presente em todas as línguas.

Um sugestivo exemplo desse apego ao concreto é o *mathal* seguinte, em cuja tradução procurei conservar o sabor original árabe de frase nominal:

Pai dele, alho; mãe, cebola. Como pode ele cheirar bem?

⁶. Devo estes dois exemplos ao Prof. Dr. Helmi M. I. Nasr. Os originais são rimados.

Nessa imersão no concreto imaginativo própria do pensamento oriental, o comportamento é, antes de mais nada, associado ao aroma . O árabe, ainda hoje, diante do filho que lembra os pais, diz: “*Min riḥat umuhu*” - ou “*abuhu*” -, do aroma de sua mãe (ou pai) e, há dois mil anos, o apóstolo Paulo (cfr. 2 Cor 2,15) escrevia que os cristãos devem ser “*bonus Christi odor*”. Assim, o provérbio refere-se, de modo concreto, ao papel da família em relação ao comportamento dos filhos, enquanto o ocidental fala em abstrato: “herança de berço”, “má-criação”, “má-educação” etc.

Este gosto pelo concreto potenciará os provérbios árabes, pois a imagem (evocada pelo *mathal*), mais próxima da realidade imediata, sempre tem mais força persuasiva do que a articulação de mediatos conceitos abstratos.

Se todas as línguas trazem em seu léxico inúmeras associações metafóricas, no árabe este fato é muito mais patente. Para o árabe, a extensão de significado é, por assim dizer, “levada mais a sério” do que no Ocidente...

É bastante ilustrativo o caso de outro provérbio que no Ocidente é expresso em extremos de abstração, ao passo que o árabe, para o mesmo conteúdo, vale-se da forma radicalmente oposta: concreta, figurativa. O ocidental diz:

Quem o feio ama, bonito lhe parece.

Mais abstrato, impossível: “Quem”, “o feio”, “bonito”...

Já a formulação árabe é:

Al-qurd b'ayn ummuhu gazal
(*O macaco, aos olhos de sua mãe - é uma - gazela.*)

Sempre o concreto! Para expressar, por exemplo, que algo é dificultoso e infundável (“Isso - essa conferência, essa visita importuna, esse discurso - não acaba nunca!”) evoca-se o mês do jejum:

Interminável como o Ramadã.

Provérbios existem em todas as culturas e também no Ocidente; mas não tão copiosamente e, sobretudo, não com a força psicológica e educativa que exercem no Oriente, que os potencia e lhes dá um importante papel pedagógico, a tal ponto que podemos falar numa *Pedagogia do mathal*.

Enquanto agentes privilegiados de uma educação invisível, os provérbios recolhem o saber popular, condensam a experiência sobre a realidade do homem: sua existência quotidiana, as condições de vida, o sensato e o ridículo, as alegrias e as tristezas, as grandezas e as misérias, a realidade e os sonhos, a objetividade e os preconceitos...

Feita esta breve introdução, passamos à seleção de provérbios árabes...

I - REALISMO

Ser realista é saber tomar decisões acertadas, levando em conta um único fator: a própria realidade. Esse realismo é lucidez que permite ver com que pessoas e com que recursos se pode contar, é objetividade para prever as consequências de uma ação, é capacidade para escolher os meios adequados tendo em mira a consecução de um determinado fim, sem permitir que o medo, a covardia, a precipitação e os interesses interesseiros influenciem negativamente essas avaliações e decisões. Curiosamente, o árabe combina uma refinadíssima sensibilidade poética com o mais prosaico realismo, em que o fato bruto é o que conta. Muitos provérbios nomeiam, expressam e aconselham o voltar-se para a realidade.

1

**Eu já falei que é boi,
mas ele insiste em querer ordenhar...**

2

Ele procura mel no traseiro da vespa⁷.

3

**Guardo-me de fazer com as mãos
o nó que deverei desfazer com os dentes.**

4

**O chacal engoliu a foice;
ouçam seus uivos depois para expeli-la⁸.**

5

**Vender e arrepender-se é melhor
do que não vender e se arrepender.**

6

**Dá teu pão ao padeiro,
mesmo que ele coma a metade⁹.**

7

Eu não tenho medo do *alif*, mas do que vem depois!¹⁰

8

Não comas alho e não cheirará a alho.

⁷. Além de não encontrar mel, expõe-se ao ferrão que, como se sabe, está localizado precisamente no traseiro da vespa...

⁸. O chacal, como se sabe, vai comendo tudo, alegremente, indiscriminadamente...

⁹. Em qualquer caso, melhor do que recorrer à improvisação amadora é confiar o serviço a um profissional. Entrego minha massa ao padeiro (que tem o forno apropriado e a técnica), mesmo que ele roube uma parte.

¹⁰. Aplica-se a inúmeras situações em que alguém se recusa a começar algo por temer o rumo que aquilo terá. Responde-se: “Eu não tenho medo do *alif*, mas do que vem depois” ante certas insistências: “Vamos lá, um copinho só...”, ou “Você não poderia se encarregar, neste ano, de organizar o almoço de reencontro da nossa turma de formatura?”, ou “Por que você não faz doutorado?...”, no exame de inglês você passa...”, “Por que você não aceita ser síndico de nosso prédio?” etc. A sentença procede de um caso que se tornou proverbial. Um garoto, recém-enviado à escola (e bem ciente das longas horas de lições de casa a que estavam submetidos seus irmãos mais velhos), recusava-se terminantemente a aprender a ler. Por mais ameaças e castigos que sofresse, continuava resistindo a pronunciar o *alif* (a primeira letra do alfabeto). O professor comunica o fato ao pai que, após infrutíferas surras, dirige-se docemente ao menino: “Meu filho, por que essa teimosia? O *alif* não vai te fazer nenhum mal, por que você tem medo do *alif*?” Ao que o garoto respondeu: “Eu não tenho medo do *alif*, eu tenho medo é do que vem depois...”

9

Por Abu Bakr, segura essa cobra!¹¹

10

**Come verdes os teus frutos,
antes que o ladrão os roube maduros.**

11

**Se conseguiste escapar do leão,
não tentes caçá-lo.**

12

**Sim, ela concebeu em segredo,
mas vai parir em público...**

13

Aquele que está saindo de vez, “apronta”¹².

14

**“Teu moinho gira para a direita ou para a esquerda?”
“Sei lá, o importante é que ele me dá farinha!”**

15

**Não digas: “*Smallah!*”,
antes que o camelo se levante**¹³.

16

**“Caíste sozinho ou foi o camelo que te arremessou?”
“Tanto faz: me ajuda aí”.**

17

**Sim, meu príncipe, era mesmo uma pomba,
só que agora já voou...**¹⁴

18

Você quer pegar as uvas ou... matar o guarda?¹⁵

19

Janta-o antes que ele te almoce.

¹¹. Diz-se quando o interlocutor pede uma tarefa impossível a quem não tem nada que ver com o caso: Abu Bakr não representa nada para quem não é sunita. E pedir para segurar uma cobra...

¹². Cuidado com quem vai deixar o país, o emprego etc.

¹³. O camelo, ao levantar-se, oferece um espetáculo grandioso quando ergue sua enorme massa de um só golpe. É tão imponente que, instintivamente, vem à boca a interjeição de admiração e espanto, misto de prece e de louvor: “*Smallah!*” - “Meu Deus!”, “Deus te conserve!”, “Que beleza!”. O efeito é tanto mais surpreendente quando, ainda há um minuto, o camelo estava calmo, aparentemente indolente, largado no solo.

¹⁴. É preciso aproveitar a ocasião. Este provérbio é o desfecho da conhecida história em que, numa caçada, o príncipe em vez de disparar logo sobre o objeto, enredou-se em longas discussões com seus acompanhantes sobre se se trataria de uma pomba ou de uma pedra, até que o objeto (era uma pomba mesmo) escapou voando...

¹⁵. Quando já se obteve o que se queria, o melhor é ir embora quanto antes, sem expor-se inutilmente...

II - AS IDIOSSINCRASIAS

As pessoas são diferentes: cada uma tem seu temperamento, sua formação, seu modo peculiar de encarar a vida. Muitos provérbios apontam para essas desigualdades, para a relativa imutabilidade do modo de ser de cada um, para a influência das circunstâncias na educação.

20

A galinha sempre cisca. Mesmo sobre um monte de trigo, ela continua ciscando.

21

O caipira é caipira, mesmo que tome sopa em colher de chá¹⁶.

22

Alimenta teu cão e ele guardará tua casa; faze jejuar teu gato e ele te comerá os ratos.

23

Bastou elogiarmos a limpeza do gato, ele foi e defecou no depósito de farinha.

24

Não é por amor a Deus que o gato caça os ratos.

25

**“Há quanto tempo?”
“Claro, tu não vais à mesquita, e eu não vou ao cabaré...”**

26

Pai dele, alho; mãe, cebola. Como pode ele cheirar bem?

27

Só a tua unha é capaz de te coçar direito.

III - A CONDIÇÃO HUMANA

As limitações, as contingências, as dificuldades, a dor, as contrariedades e desgostos (e, também, os consolos e a ação da divina providência) estão presentes nos provérbios de todas as culturas. Os provérbios árabes, certamente, também fazem esses registros e procuram orientar o homem para que viva sabiamente em sua realidade. Mas, para além de qualquer fatalismo, alguns *amthal* apontam também para o fato de que das dificuldades podemos tirar proveito em termos de vivência e crescimento enquanto seres humanos.

28

O mar brigou com o vento e quem virou... foi a barquinha.

¹⁶. No original deste (e de muitos outros provérbios) aparece o *Law*, o *se* condicional árabe, usado frequentemente para situações impossíveis ou muito improváveis.

29

Por causa da rosa, a erva daninha acaba sendo regada.

30

Se te perguntarem: “Viste um asno cinza?”,
responde: “Nem cinza, nem preto, nem branco.
Não vi asno nenhum!”

31

Os barbeiros aprendem a usar a navalha
na cabeça dos órfãos.

32

É como a peregrinação a Meca:
quem diz que é fácil, blasfema;
quem diz que é trabalhosa, blasfema.

33

Quando Deus fecha uma porta, abre outra.

34

(Tão pobre que...) As formigas saíram
da cozinha dele com fome.

35

O pobre achou uma tâmara seca no caminho
e disse-lhe: “Aonde devo ir para te comer em paz?”

36

Não aconselhes o tolo:
em qualquer caso ele te culpará depois.

37

“Tudo bem, tu foste criado por Deus...
Mas e eu? Pelo funileiro?”

38

A dor mais amarga é a dor presente.

39

Se cuspo para baixo, cai na barba;
se cuspo para cima, cai no bigode.

40

Ano ruim tem 24 meses...

41

O mundo é um moinho d'água:
os que têm se esvaziam;
os que não têm recebem em abundância...

42

Interminável como o Ramadã!

IV - OS OUTROS

Os provérbios contemplam *o outro* em diversas dimensões: as relações de amor/ódio, de amizade/inimizade, de parentesco (com destaque especial para a sogra), de vizinhança etc. Aconselham também sobre a mulher, as visitas, os sócios, os deveres de hospitalidade, os chatos e inoportunos, sobre as relações com os poderosos e assim por diante.

43

**“De que filho a senhora gosta mais?”
“Do pequeno, até que cresça; do ausente,
até que volte; do doente, até que sare”.**

44

**Se encontras teu amigo montado num pedaço de pau,
felicita-o pelo corcel de raça¹⁷.**

45

Eu não espanto os pássaros da árvore que me deu frutos amargos.

46

**“Meu amigo, meus olhos, luz da minha vida!,
mas... longe de minha bolsa!”**

47

**Não te cases com uma moça cujos
parentes morem nas proximidades;
não alugues casa cujo dono seja o vizinho.**

48

“Nora, nora... um dia também serás sogra!”

49

**Em mil noras pode haver uma que ame a sogra;
em duas mil sogras pode haver uma que ame a nora.**

50

A sogra já foi nora, mas... esqueceu!

51

Lar, doce lar..., que escondes todos os meus defeitos!

52

**A cada refeição, uma briga;
a cada bocado, um aborrecimento¹⁸.**

53

**Rancor (astúcia) de homem é rancor;
rancor (astúcia) de mulher, rancores (astúcias)¹⁹.**

¹⁷. O amigo sempre é valorizado. Rimado no original: 'amwd / 'awd.

¹⁸. As brigas acontecem em casa...

¹⁹. A formulação original joga com o singular e o dual (número característico do árabe): rancor de homem é um rancor; rancor de mulher, dois rancores.

54

**Se é um homem quem te dirige ameaças,
podes, de noite, dormir tranquilo;
se é uma mulher,
podes começar a passar as noites em claro...**²⁰

55

Consulta tua mulher e faz o contrário do que ela te disser.

56

**Limpa tua casa, pois não sabes quem baterá à tua porta;
lava teu rosto, pois não sabes quem o beijará.**

57

**Visita sem presentes é melhor
do que a que te traz um carneiro**²¹.

58

Não visitar pode ser uma obra de misericórdia.

59

**Não comas o pão servido por alguém
que depois irá te lembrar da oferta.**

60

Não dá trela ao desocupado: ele fará de ti a sua ocupação.

61

**“Ôpa! Não é por eu ter dito ‘Enterra-me’
que agora vais pegar a pá**²².

²⁰. Ao tratar de provérbios, é sempre oportuna a referência à Bíblia, não só pelos milhares de provérbios que ela mesma contém, mas também porque estão vazados em língua semita, muito próxima do árabe. Feghali chega a dedicar uma seção inteira a provérbios bíblicos que se tornaram provérbios árabes. No caso deste provérbio, nota-se o eco dos milenares conselhos dos livros sapienciais da Bíblia. O Eclesiástico, após enunciar, em seu cap. 25, as desgraças superlativas (“Qualquer ferida, menos a ferida do coração; qualquer miséria, menos a miséria causada pelo adversário; qualquer injustiça, menos a injustiça que vem do inimigo...”), desfecha: “Prefiro morar com um leão ou com um dragão a morar com uma mulher perversa... Pouca maldade é comparável à da mulher”. E, mais adiante, também em sistema comparativo semítico: “É melhor a maldade de um homem do que a bondade de uma mulher” (Eclo 42,14). Já o livro dos Provérbios diz: “Melhor é morar no deserto do que com uma mulher iracunda” (Prov 21,19); “Melhor é morar no canto de um teto do que numa casa com uma mulher briguenta” (Prov 25,24); “Goteira pingando sem parar em dia de chuva e a mulher briguenta são semelhantes” (Prov 27,15). Do mesmo modo, o provérbio seguinte refere-se à também milenar ideia preconceituosa de que a mulher não é boa conselheira.

²¹. O presente impõe obrigações. Há outra formulação rimada, semelhante a: “Um presente? Não me atormente”.

²². É bem conhecido o espírito de acolhimento oriental e suas desconcertantes - sobre-tudo para padrões europeus nórdicos - manifestações de carinho (por palavras ou por gestos) em fórmulas que, para o ocidental, parecem exageradas. O Alcorão prescreve, p. ex. (IV, 86), retribuir uma saudação com outra mais intensa ou, pelo menos, não inferior (naturalmente, a reação em cadeia deflagrada por um simples bom-dia pode durar uma eternidade). Nesse sentido, Cristo, que tão bem sabe valorizar a hospitalidade e as formas humanas de acolhimento (cfr. Lc 7,44 e ss.) tem que recomendar aos discípulos enviados em missão: “A ninguém saudeis pelo caminho” (Lc 10,4). É um problema de aproveitamento do tempo numa missão urgente! Neste campo das saudações e das manifestações de carinho, o refinado Oriente está a anos-luz de distância do primário Ocidente... Por exemplo, o ocidental, perante uma visita que se despede, diz: “Vê se aparece!” (com o que - consciente ou inconscientemente - parece afirmar: Nós somos pessoas muito importantes, interessantes, bonitas... e autorizamos você - que não é nada disso... -, a vir ver-nos, pois, nós, além do mais, somos também generosos etc.). Já o oriental despede-se da visita dizendo: *Ismah lana nashufak!* - Permita que nós o veja-mos (**você** é a pessoa importante, etc. etc...). Evidentemente, o

62

**“Ôpa! Tá certo que dissemos ‘A casa é tua!’,
mas não vás agora trancar a porta e levar a chave.**

63

(Prefiro) A opressão do gato à justiça do rato.

64

**Quem ocupa o poder tem metade das pessoas contra si...
isto, se ele for justo.**

65

**Na minha noite de núpcias
ele vem pedir-me emprestado o pandeiro.**

66

“Cospe a pedrinha, Mansur!”²³

V - DEFEITOS, VÍCIOS E MANHAS

Como era de esperar, os provérbios fustigam defeitos e atitudes viciosas. Nesta seleção, destaca-se a falta de objetividade para apreender realidade, causada pela interferência distorcedora de vários fatores de envolvimento subjetivo, como o preconceito ou o oportunismo. Abordam-se também temas como o da mentira, da hipocrisia, da manha, da figura do salafrário, da avareza, da língua, das culpas e das desculpas (esfarrapadas), da vaidade, do egoísmo, da gula, da preguiça etc.

67

**Rasgou as roupas e começou a gritar:
“Náufrago! Náufrago!”**

68

O santuário próximo não cura...

69

Com a mentira se consegue o almoço, mas não o jantar.

70

**Quando perguntaram ao faminto: “Quanto é dois mais dois?”,
ele respondeu: “Quatro pães!”**

exagero das formas (que, em todo caso, no Oriente, não é mero formalismo) requer o necessário corretivo do bom humor dos provérbios. Assim, uma das fórmulas mais fortes para manifestar o carinho é *Taqbamy*, “Enterra-me!” (com o que se diz: eu quero que você sobreviva a mim, eu não saberia viver sem você etc.), está aqui temperada por esse *mathal*.

²³. Frase que se tornou proverbial. Mansur era um “boca-suja”, sacristão de um bispo, que tentava inutilmente corrigir-lhe a linguagem, permeada de palavrões. Até que lhe ocorreu a ideia de que Mansur mantivesse uma pedrinha na boca para ajudá-lo a lem-brar-se de evitar expressões indecorosas. Em um certo dia de intenso calor, o bispo per-corria a estrada - a pé, acompanhado por Mansur -, em visitas pastorais, quando ouviu uma velha que com insistência chamava por ele, do alto de um morro. Quando os dois acabaram de subir a penosa encosta, a velha explicou que o chamara para abençoar sua ninhada de pintinhos... O bispo, passando o lenço na testa, voltou-se para Mansur (também ele furioso...), dizendo: “Tudo bem, Mansur, pode cuspir a pedrinha!”

71

“Deus, envia-nos um hóspede!”, rezam as crianças...²⁴

72

O macaco, aos olhos de sua mãe, é uma gazela.

73

Quando Tannús (Toninho) precisava de nós,
nós o chamávamos simplesmente de Tannús,
mas agora que nós precisamos de Tannús,
temos de dizer: “Às ordens, venerável mestre!”

74

Bate no cão, tua noiva compreenderá...

75

O rato aconselhou o dono da casa a matar o gato...
e a comprar queijo!

76

A mantegueira caiu no fogo e a velha disse:
“Eu a ofereço a Allah”.

77

Quebra o fio de sua roca
e saberás o que ela tem embaixo da língua²⁵.

78

Ele deu os pêsames e chorou, mas nem sabe quem morreu.

79

Se o rico come cobra todos dizem:
“Que paladar mais refinado!”
Se é o pobre: “*Pirou de vez!*”²⁶

80

“Mão na massa, Leila!”²⁷

²⁴. Naturalmente, com um hóspede na casa o tratamento e a comida melhoram...

²⁵. O conselho é para que o homem não se deixe enganar pela aparência suave e gentil dessa moça bela e doce (sobretudo se ela quer casar com ele); seu verdadeiro caráter pode ser outro.

²⁶. A irônica constatação da diversidade de juízos perante o mesmo ato praticado por um rico e um pobre é tema constante dos provérbios. Está presente na sabedoria da Bíblia - “O rico pratica uma injustiça e ainda se mostra altivo; o pobre sofre uma injustiça e ainda precisa pedir desculpas” (Eclo 13,3), ou “Rico tropeça, todos o socorrem, rico diz tolices, todos o aplaudem; pobre fala, dizem ‘Cala a boca’ e, se tropeça, derrubam-no de vez” (Eclo 13, 22-23) - e nos pára-choques de caminhão: “Rico correndo é atleta; pobre, ladrão!” etc.

²⁷. O Oriente, o juramento. A cada passo, por qualquer ninharia, jura-se. Jura-se pelas barbas do profeta, pelo amor dos meus filhinhos, pelo sol e pela lua, pela manhã e pela noite, pelo Alcorão e pela Bíblia... O árabe, a emoção, o pranto. O exagero. Os acalora-dos juramentos não deixam de ser suspeitos, mas como defender-se da chantagem emocional que eles veiculam? A distância crítica, para manter a objetividade, tem uma grande defesa: a do bom humor, avalizado por este antigo provérbio que, no original, contém apenas duas palavras. Trata-se do **proverbal** episódio do beduíno que roubara um saco de farinha. Diante do juiz, foi-lhe exigido um juramento de inocência. Sem pestanejar, ele jurou, pensando consigo mesmo: “Leila, minha mulher, pode estar agora fazendo pastéis com aquela farinha. **Farinha** roubada, Deus é testemunha, eu não tenho”.

81

Não tendo achado nenhum defeito na rosa,
apelidaram-na de “bochecha vermelha”²⁸.

82

Nunca o mercador diz: “Meu azeite está rançoso”.

83

Uma coisa é receber as chibatadas; outra é contá-las...²⁹

84

Ele almoçou na madrasta³⁰.

85

“Manhê! Kin'an quer um bolinho!”³¹

86

“Se eu sou príncipe e tu és príncipe,
quem é que vai atrelar o cavalo?”

87

“Podem ficar tranquilos: a raposa me garantiu
que não vai mais pegar galinhas”³².

88

Aperta-lhe a mão, mas confere os dedos depois.

89

A parede queixou-se ao prego: “Por que me perfuras?”
Ele respondeu: “Pergunte ao martelo!”

90

O cão late porque late; o dono pensa que é para ele.

91

O corvo quis imitar o passo (elegante)
da perdiz e perdeu o seu.

VI - VIRTUDES

Os provérbios louvam as virtudes, especialmente as que traduzem grandeza de alma, generosidade, determinação e franqueza, condenando ao mesmo tempo a estreiteza e a mesquinhez. Alguns dos mais sugestivos louvam também a sagacidade.

92

A mão que dá está sempre acima da que recebe.

²⁸. Como se sabe, os invejosos, por despeito, acabam criando uma pseudo-realidade (ou pseudo-defeito) para dar vazão a seus sentimentos pusilânimes.

²⁹. Usado como resposta para aquele que, após ouvir as queixas do interlocutor, diz apenas: “Mas, isso não é nada” ou “Você não deve se preocupar” etc.

³⁰. Diz-se daquele que, sim, almoçou, mas muito mal...

³¹. Kin'an e seu irmãozinho mais velho esperavam impacientemente, ao pé do fogo, a chegada do pai, enquanto a mãe fritava aromáticos bolinhos. Querendo abreviar a espera, mas sem se expor, o mais velho disse: “Manhê! Kin'an quer um bolinho!” A frase tornou-se proverbial.

³². Frase irônica para desmontar no ato as declarações de emenda de um salafário.

93

Faze o bem e lança-o ao mar:
tu o reencontrarás mesmo que muito tempo depois.

94

Antes inimigo do príncipe (*amyr*)
do que do guardinha (*khafyr*).

95

Não há defeito que a generosidade não possa encobrir.

96

Sábio é quem estende seu manto
como se fosse tapete, e tolo é quem pisa.

97

Se é para se apaixonar, que seja por um príncipe;
Se é para bater à porta, que seja à porta de um grande;
Se é para roubar, que seja um camelo;
Assim, se te censurarem, pelo menos será por algo grande.

98

Melhor negar o favor do que fazer esperar.

99

Dou uma tâmara ao pobre
para sentir seu verdadeiro sabor.

100

Meca não está longe para quem está
determinado a fazer a peregrinação.

Recebido para publicação em 16-04-18; aceito em 22-05-18